

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**INCLUSÃO CULTURAL E QUALIDADE RELACIONAL EM CASAIS
INTERCULTURAIS**

Catarina Lopes Cebola Vieira Noronha

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Psicologia Clínica Sistémica

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**INCLUSÃO CULTURAL E QUALIDADE RELACIONAL EM CASAIS
INTERCULTURAIS**

Catarina Lopes Cebola Vieira Noronha

Dissertação de mestrado orientada pela Professora Doutora Carla Crespo e coorientada pela
Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Psicologia Clínica Sistémica

2020

Agradecimentos

À Professora Doutora Carla Crespo

À Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

Aos meus colegas de tese, pela partilha e entreajuda

Aos participantes deste estudo

À minha família, pela motivação e pela incansável ajuda na recolha da minha amostra; em especial à minha mãe por me ajudar em todos os momentos e por ser o meu exemplo de interculturalidade

Ao meu pai, pela preocupação e apoio

Ao Pedro, pela ajuda, disponibilidade e paciência

À Ana, pela amizade, disponibilidade ao longo desta jornada e ajuda na recolha da amostra e na análise de dados

Aos meus amigos

Ao Marco, por me encorajar a dar sempre o meu melhor

A todos os casais interculturais.

Índice Geral

Resumo.....	v
Abstract	vi
Introdução	7
1. Enquadramento teórico	8
1.1. O Presente Estudo	19
2. Método	20
2.1. Participantes	20
2.2. Procedimento.....	21
2.3. Instrumentos	22
2.3.1. Questionário sociodemográfico.....	22
2.3.2. Índice de Inclusão Cultural (ICI)	23
2.3.3. Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida (PRQCI)	24
2.4. Análise de dados	24
3. Resultados	25
3.1. Diferenças de médias	25
3.1.1. Diferenças de médias entre homens e mulheres nas subescalas do Índice de Inclusão Cultural	25
3.1.2. Diferenças de médias entre homens e mulheres no Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida.....	26
3.1.3. Diferenças de médias entre as variáveis nacional e estrangeiro no Índice de Inclusão Cultural e no Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida	26
3.2. Correlações.....	27
3.2.1. Tabela de correlações individuais e diádicas para as dimensões da Inclusão Cultural e a Qualidade Relacional.....	27
3.3. Regressões.....	31
4. Discussão.....	34
4.1. Diferenças de médias	34
4.2. Correlações.....	35
4.3. Regressões.....	37
4.4. Forças, Limitações e Implicações	38
4.5. Conclusão	39
5. Referências bibliográficas.....	41

ANEXOS.....	45
ANEXO A – Consentimento Informado.....	46
ANEXO B – Versão Portuguesa do Índice de Inclusão Cultural.....	47
ANEXO C – Versão Portuguesa do Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida.....	48
ANEXO D - Caracterização sociodemográfica da amostra de participantes.....	49

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Teste-t em amostras emparelhadas das dimensões da inclusão cultural em homens e mulheres.....	25
Tabela 2 - Teste-t em amostras emparelhadas da variável qualidade relacional em homens e mulheres.....	26
Tabela 3 - Teste-t em amostras independentes das variáveis inclusão cultural e qualidade relacional em homens.....	27
Tabela 4 - Teste-t em amostras independentes das variáveis inclusão cultural e qualidade relacional em mulheres.....	27
Tabela 5 - Matriz de correlações individuais e diádicas entre as dimensões da inclusão cultural e a qualidade relacional em homens e mulheres.....	30
Tabela 6 - Regressão linear entre as subescalas da variável inclusão cultural e a qualidade relacional dos homens.....	32
Tabela 7 - Regressão linear entre as subescalas da variável inclusão cultural e a qualidade relacional das mulheres.....	33
Tabela 8 - Regressão linear entre as subescalas da variável inclusão cultural das mulheres e a qualidade relacional dos homens.....	33
Tabela 9 - Regressão linear entre as subescalas da variável inclusão cultural dos homens e a qualidade relacional das mulheres.....	33

Resumo

O número de casamentos entre cônjuges de culturas diferentes tem vindo a aumentar à escala mundial e em Portugal nas últimas décadas. A literatura que incide sobre casais interculturais aponta alguns fatores de risco e desafios acrescidos na relação conjugal mas também a existência de recursos adicionais. Estes estudos focam-se em diversos fatores de proteção, sendo um deles a inclusão cultural. O presente estudo teve como objetivo caracterizar e examinar a relação entre inclusão cultural e a qualidade relacional em casais interculturais residentes em Portugal. Os objetivos específicos deste trabalho foram avaliar se os níveis de inclusão cultural e de qualidade relacional variam de acordo com o sexo e a nacionalidade dos cônjuges (estrangeiro vs. nacional) e averiguar as associações individuais e diádicas entre as dimensões da inclusão cultural e a qualidade relacional para os casais interculturais. A amostra incluiu 59 casais interculturais ($N = 118$). Os instrumentos utilizados foram a versão portuguesa do Índice de Inclusão Cultural (Lopes, Santos, & Crespo, 2019) e do Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida (Crespo, Davide, Costa, & Fletcher, 2008). Não se observaram diferenças significativas entre os resultados médios dos homens e das mulheres relativamente à inclusão cultural, exceto na subescala *afeto positivo*, na qual os valores das mulheres foram superiores aos dos homens; não se observaram diferenças significativas entre os resultados médios dos homens e das mulheres relativamente à qualidade relacional. No que diz respeito às diferenças entre cônjuges estrangeiros e portugueses, não se verificaram diferenças significativas na inclusão cultural e na qualidade relacional, para ambos os sexos, com exceção da subescala *partilha da identidade cultural*, na qual as mulheres estrangeiras reportaram níveis mais baixos. Verificaram-se correlações individuais e diádicas para as variáveis em estudo, bem como regressões lineares a nível individual. Os resultados foram discutidos à luz da revisão de literatura e apresentaram-se indicações para investigação futura, bem como implicações clínicas.

Palavras-chave: casais interculturais; qualidade relacional; inclusão cultural

Abstract

The number of marriages between spouses from different cultures has been increasing worldwide and in Portugal in the last decades. The literature on intercultural couples shows that they present increased risk factors and challenges in their marital relationship, but also that they have additional resources. Studies on these couples focus on several protective factors, being the cultural inclusion one of them. This study aimed to examine the relationship between cultural inclusion and relationship quality in intercultural couples living in Portugal. The specific objectives of this study were to assess whether the levels of cultural inclusion and relational quality vary according to the sex and nationality of the spouses (foreign vs. national) and to investigate the individual and dyadic associations between the dimensions of cultural inclusion and relationship quality for intercultural couples. The sample included 59 intercultural couples ($N = 118$). The instruments used were the Portuguese versions of the Index of Cultural Inclusion (Lopes, Santos, & Crespo, 2019) and the Perceived Relationship Quality Component Inventory (Crespo, Davide, Costa, & Fletcher, 2008). There were no significant differences between the average results of men and women regarding cultural inclusion, except in the subscale *positive affect*, in which the values of women were higher than those of men; there were no significant differences between the average results of men and women regarding relationship quality. With regard to the differences between foreign and Portuguese spouses, there were no significant differences in cultural inclusion and relationship quality for both sexes except for the subscale *sharing one's cultural self*, in which foreign women reported lower levels. Individual and dyadic correlations were found for both variables as well as linear regressions at the individual level for both variables. The results were discussed regarding the literature review and indications for future research were presented, as well as clinical implications.

Keywords: intercultural couples; relationship quality; cultural inclusion

Introdução

“A experiência de viver com alguém de outra cultura, talvez de educar filhos biculturais, de expandir a sua visão do mundo e a sua capacidade de tolerar diferenças, é um sucesso em si mesmo”

Romano (2001, pp. 212)

O multiculturalismo nas relações de casal é uma tendência que tem vindo a aumentar exponencialmente à escala mundial e que está ligada a fatores de facilidade de mobilidade, de turismo e facilitação e inovação dos meios de comunicação como a Internet. Sendo cada vez mais fácil ter contacto com outros países e comunicar com pessoas de todas as partes do mundo, começam, naturalmente, a surgir casais compostos por cônjuges de diferentes culturas. Em Portugal esta é uma tendência observada sobretudo na última década- entre o ano de 2013 e o de 2018, o número de casamentos entre um cônjuge português e um estrangeiro aumentou de 3 809 para 5 056. No ano de 2018, aproximadamente 15% dos casamentos celebrados em Portugal foram casamentos interculturais.

O presente trabalho pretende caracterizar e examinar a relação entre inclusão cultural e a qualidade relacional em casais interculturais residentes em Portugal. Mais especificamente, pretende-se analisar se os níveis de inclusão cultural e de qualidade relacional variam de acordo com o sexo e a nacionalidade dos cônjuges e examinar as associações individuais e diádicas entre inclusão cultural e qualidade relacional percebida.

Esta dissertação inicia-se com o enquadramento teórico, onde se apresenta uma revisão da literatura sobre o tema e variáveis em estudo; segue-se o capítulo do método, onde se faz uma caracterização da amostra, se explica o procedimento de recolha de dados, se apresentam os instrumentos utilizados e a análise estatística a que se recorreu. No capítulo de resultados, apresenta-se uma descrição dos resultados obtidos neste estudo e na discussão interpretam-se esses resultados à luz do enquadramento teórico da dissertação, faz-se o levantamento das limitações do estudo, bem como das implicações dos resultados tanto para a investigação como para a clínica e, finalmente, uma breve conclusão.

1. Enquadramento teórico

“O Multiculturalismo nas relações de casal é uma tendência que tem vindo a crescer nos países ocidentais”

(Singh, 2017, p. 7)

Ting-Toomey refere-se ao conceito de cultura como um quadro de referência simbólico que dá significado, guia o comportamento e influencia a visão que se tem do mundo; a cultura é, assim, um “padrão de tradições, crenças, valores, normas, símbolos e significados partilhados em níveis diferentes por membros de uma comunidade” (Ting-Toomey, 1999, p. 10). Embora haja na literatura múltiplas definições diferentes de cultura, existe, segundo Triandis (1996), um acordo de que a cultura consiste em elementos e símbolos partilhados, que originam os padrões de comportamento, os sistemas de valores, as crenças e a comunicação de um conjunto de indivíduos- uma comunidade- que partilham um espaço, um período histórico e uma língua comuns. Desta forma, segundo Crippen e Brew (2013), o termo Intercultural refere-se às interações entre indivíduos ou grupos de culturas diferentes; é um conceito amplo que engloba subconceitos como internacional (entre nações ou países diferentes), interétnico (entre etnias ou comunidades étnicas diferentes), interracial (entre diferentes grupos raciais) e interreligioso (entre religiões diferentes). Neste sentido, casais interculturais são díades constituídas por dois membros adultos numa relação afetiva, romântica e de intimidade, sendo que ambos identificam que os seus *backgrounds* culturais (que incluem o país de origem, herança étnica e/ou religião) são diferentes (Crippen & Brew, 2013).

No ano de 2017, no Reino Unido, 1 em cada 10 relações de casal eram interculturais, o que se traduz em cerca de 2.3 milhões de pessoas que estão em coabitação ou casadas com alguém de etnia ou origem cultural diferente. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2019), 14,6% dos casamentos celebrados em Portugal no ano de 2018 foram entre um cônjuge português e um estrangeiro. A Área Metropolitana de Lisboa, o Algarve e Região Autónoma da Madeira são as áreas que apresentam valores superiores à média nacional de casamentos interculturais em 2018. A Área Metropolitana de Lisboa é, atualmente, a região que regista a maior proporção de casamentos em que pelo menos um dos

cônjuges é estrangeiro (23,8%); isto traduz-se em 2 207 casamentos na área Metropolitana de Lisboa em que um dos cônjuges é estrangeiro e o outro é português e um total de 5 056 casamentos deste tipo no país no ano de 2018. Estes dados tornam também possível observar uma tendência: a de crescimento relativamente a casamentos interculturais em Portugal. Entre 2013 e 2018, o número de casamentos deste tipo no país subiu de 3 809 para 5 056, sendo que o número total de casamentos aumentou também (31 998 em 2013 e 34 637 em 2018).

À escala mundial, assistimos, nas últimas décadas do século XX, a um grande aumento do número de casais oriundos de duas culturas diferentes (Lind, 2008). Este autor apresenta vários fatores ligados ao aumento de mobilidade e facilitação do contacto entre pessoas de países e culturas diferentes, que contribuíram para este fenómeno: a proliferação e facilitação dos meios de transporte e comunicação (com destaque para o aparecimento e facilitação do uso da Internet); a massificação do turismo bem como o fluxo de emigrantes para os países economicamente mais desenvolvidos; a abertura das fronteiras do espaço da União Europeia; a globalização do mercado (e consequente mobilidade dos empregados entre vários países) ; os projetos de cooperação internacional, em áreas como a cultura, a política e o ensino (por exemplo, o programa *Erasmus*).

O ajustamento, numa relação de casal, é um processo complexo composto por “diferenças diádicas potencialmente problemáticas, tensão interpessoal e ansiedade individual, satisfação e coesão diádicas e consenso acerca das questões fundamentais do funcionamento diádico” (Spanier, 1976, p.17). Falicov (1995) refere que o casamento pode ser definido como uma transição crucial do ciclo de vida; para os casais interculturais a transição não se trata só do estado civil de solteiro para casado - trata-se de uma transição de cultura. Assim, os casais interculturais estão numa posição mais vulnerável, relativamente a potenciais fatores de risco, porque, para além do ajustamento normal requerido a todos casais, ainda enfrentam dificuldades acrescidas ligadas às diferenças culturais.

Os primeiros estudos sobre casais interculturais – que utilizam frequentemente a denominação ‘casais biculturais’ – focavam-se muito nos aspetos negativos, nos fatores de risco e apresentavam uma visão negativa sobre os efeitos da biculturalidade na vida conjugal destes casais (Lind, 2008). Alguns estudos apontavam para as dificuldades acrescidas e complexidade derivadas de diferenças muito acentuadas entre os membros do casal; as diferenças apontadas referem-se sobretudo aos valores, padrões de interação e estilos de comunicação. Nesta perspetiva, as dificuldades advêm do facto de estes serem fatores relativamente estáveis nos indivíduos e muito resistentes à mudança (Lind, 2008).

Um dos autores que se debruçou sobre o estudo de casais biculturais foi Romano (2001) tendo proposto, com base num estudo em que realizou entrevistas a 26 casais biculturais, áreas potencialmente problemáticas: o sistema de valores, diferenças nos hábitos alimentares, sexualidade e intimidade, papéis de género, diferentes noções de tempo, local de residência, amizades, família de origem, religião, educação dos filhos, língua e comunicação, lidar com o stress e conflitos, doença e dor, visão etnocêntrica por parte de um dos cônjuges e as questões ligadas à morte e ao divórcio.

O sistema de valores pode ser potencialmente problemático, especialmente se os cônjuges vierem de culturas com perspetivas diferentes em relação à perceção do *self*, por exemplo, se um dos cônjuges tiver crescido numa cultura mais individualista e o outro numa cultura mais coletivista (Killian, 2009; Ting-Toomey, 1994). No seu livro '*Intercultural couples: exploring diversity in intimate relationships*', o autor Kyle Killian (2009) refere o individualismo vs. coletivismo como um dos principais obstáculos que os casais interculturais podem enfrentar na sua relação. Se um dos membros do casal vier de uma cultura individualista e o outro de uma cultura coletivista, isto pode ser fonte de tensão conjugal, dado que estes dois 'modos' assentam em valores muito diferentes e por vezes até antagónicos. Enquanto as culturas ditas individualistas prezam valores como a liberdade, honestidade, reconhecimento social, conforto, hedonismo e equidade pessoal, as culturas mais coletivistas assentam em valores como a harmonia, sensibilidade e desejo de cumprir os desejos dos pais, igualdade na distribuição de bens entre pares e satisfação das necessidades dos outros.

Na área da sexualidade e intimidade, os cônjuges podem ter atitudes diferentes perante aqueles que são os inúmeros temas ligados à sexualidade: fidelidade, número de filhos desejado, formas de mostrar afeto, contraceção, higiene, aborto, romantismo, formas de vestir e de seduzir o outro (Romano, 2001). Cada parceiro é fruto de uma educação sexual passada pelos seus antecessores e pela cultura onde estão inseridos. Estes temas podem ser particularmente desafiantes para os casais interculturais, sobretudo porque estes, muitas vezes, não esperam que o sejam; isto é, estes casais inicialmente preveem dificuldades ligadas às suas diferenças, como por exemplo nas áreas da comunicação, valores e hábitos, mas tendem a esquecer-se das diferenças culturais ligadas à sexualidade (Romano, 2001).

Os papéis de género são uma questão central no que diz respeito à interculturalidade nas relações conjugais; diferentes culturas têm diferentes perceções acerca das questões de género. Os papéis de género consistem numa das áreas mais difíceis de negociar nos casais interculturais; as expectativas para os papéis do homem e da mulher podem ser muito

diferentes de cultura para cultura (Rosenblatt, 2009). Neste tema estão também inseridas questões de poder; estas questões estão tanto ligadas aos papéis de gênero como também ao status de nacionalidade dos cônjuges e local de residência (o cônjuge que vive no seu país de origem geralmente tem mais poder na relação). Os casais tendem a adotar os rituais e costumes da cultura do país onde vivem: isto dá maior poder ao membro do casal em cujo país ambos vivem, pois acabam por adotar os costumes que já são familiares a esse membro. Este membro do casal experiencia sentimentos positivos ligados ao sentido de pertença; o outro membro pode sentir-se marginalizado, à parte e com sentimentos negativos de saudades de casa e do seu país (Rosenblatt, 2009).

A família de origem está ligada a questões que têm a ver com as fronteiras, com a proximidade do cônjuge à sua família e com o envolvimento da família de origem na vida familiar e conjugal do casal. Rosenblatt (2009) menciona que não é só o casal que tem expectativas em relação ao casamento: também a família de origem tem expectativas sobre a vida conjugal, sobre os papéis de cada membro do casal e sobre os papéis de gênero. O autor afirma que “cada parceiro não se casou apenas com um indivíduo, mas sim com uma família inteira e com uma cultura.” (Rosenblatt, 2009, p.8).

A língua e comunicação podem ser um entrave ao bom funcionamento da relação, em particular esta última que é, de forma geral, um dos maiores problemas em qualquer casal e, por isso, nos casais biculturais esta dificuldade é acrescida (Rosenblatt, 2009). A escolha da língua na qual o casal bicultural comunica pode afetar o equilíbrio do poder- o cônjuge que fala na sua língua materna possui automaticamente mais informação e, por isso, mais poder. Rosenblatt (2009) aborda também este tema ligado às questões de poder na relação: por um lado o parceiro que tem mais poder na relação pode ditar a língua falada no casal/ família e, por outro lado, o parceiro cuja língua é falada pode ter mais poder na relação. Aceitar falar a língua do outro pode ser visto (pelo próprio e/ ou pelo outro) como submissão à cultura do outro e rejeição da própria cultura (Rosenblatt, 2009). Para além disto, os estilos de comunicação (verbal e não verbal) podem ser completamente diferentes em culturas distintas; um dos cônjuges pode ter uma forma de comunicar mais racional, ponderada e reservada e o outro pode ser mais ‘dramático’, expressivo e emocional (Lind, 2008). Nas relações, é particularmente importante a forma de comunicar e expressar sentimentos e afetos.

Ting-Toomey (1994) propõe que os conflitos podem ser vistos de várias perspetivas, umas mais disfuncionais e outras mais funcionais: como uma forma de exteriorizar as diferenças e problemas da relação; como uma forma de repressão e evitamento da comunicação com o outro; como uma oportunidade para comunicar e resolver os problemas;

como uma oportunidade de comunicar aberta e sinceramente. Assim, uma resolução e perspectivas positivas acerca dos conflitos, podem ser vistos pelo casal como uma situação de ganho.

McGoldrick, Preto, Hines e Lee (1991) propõem vários fatores que influenciam o grau de ajustamento em casais biculturais, sendo estes: a extensão das diferenças entre os valores culturais dos cônjuges; diferenças no grau de aculturação dos cônjuges; diferenças religiosas; diferenças “raciais” ou étnicas; a combinação sexo-nacionalidade de cada cônjuge; diferenças socioeconômicas; familiaridade antes do casamento de cada cônjuge com a cultura do parceiro; aceitação por parte de ambas as famílias de origem do casamento bicultural; outros fatores como a razão da emigração do cônjuge, língua falada em casa, grau de diferenças dos padrões de expressão emocional e de comunicação e diferenças na visão do mundo. Assim, dependendo da forma como os casais lidam com estas diferenças e fatores, chegarão a um nível maior ou menor de ajustamento conjugal.

A forma como o casal intercultural consegue lidar com a complexidade das suas diferenças, ligadas a fatores de risco acrescidos, depende não só dos fatores de risco como também da qualidade e da quantidade de fatores protetores que têm à sua disposição ou que os próprios aprendem a desenvolver. Assim, “quanto mais fatores protetores (recursos) o casal consegue adquirir ou desenvolver em relação à quantidade e qualidade dos fatores de risco existentes, tanto maior a sua satisfação conjugal” (Lind, 2008, p. 149).

Os recursos de que estes casais dispõem para lidar com a complexidade das suas diferenças são amplamente explorados num estudo de Romano (2001), no qual os casais entrevistados mencionaram alguns desses recursos. Na perspectiva destes casais estes recursos estão ligados à oportunidade de serem confrontados com valores, ideias e crenças diferentes, o que os obriga a questionarem os seus próprios valores, evoluindo e crescendo. Mencionam também a exposição a uma forma diferente de viver e de resolver problemas, o desenvolvimento de uma identidade internacional, a educação de filhos biculturais, a quem querem passar uma visão do mundo tolerante, aceitante, independente e de abertura, livre de discriminação. A partir destes dados, o autor identifica fatores promotores de um casamento bicultural satisfatório e bem-sucedido. Um dos principais que destacou é o forte compromisso com a relação; muitos casais biculturais referem possuir um maior grau de tolerância, de aceitação das diferenças porque sabem desde o início as dificuldades que os esperam enquanto casal e porque, face às diferenças, têm de se esforçar mais, em comparação com os casais monoculturais. Isto parece indicar que esta complexidade e dificuldade acrescidas, quando os casais têm consciência delas, podem potenciar e mobilizar mais recursos e fatores

de proteção e resiliência nestes casais. Outro fator a mencionar é a capacidade de comunicar. Em relação a este fator, o que é importante para estes casais é que cada cônjuge se sinta ouvido e compreendido e que sinta que consegue compreender o outro. Num estudo que envolveu entrevistas com casais interculturais, a maioria dos casais refere que, face às diferenças, são capazes de pensar mais profundamente e refletir em casal sobre a raiz problemas; são capazes de ter conversas com mais significado (Tili & Barker, 2015).

Segundo Romano (2001), muitos dos casais interculturais com maior qualidade relacional referem ter feito um esforço para aprender a língua do outro; isto mostra também compromisso com a relação e disponibilidade para ‘ir mais além’, para tentar chegar até ao outro. Para além disto, estes casais evitam tirar conclusões precipitadas, que podem ser impulsionadoras de conflitos, e pedem sempre ao outro para clarificar a mensagem quando acham que não a compreenderam. O autor refere também a sensibilidade às necessidades e valores do cônjuge, o interesse pelos aspetos culturais do cônjuge, a flexibilidade, o amor como motivo principal para o casamento, a existência de objetivos em comum, o espírito de aventura e curiosidade e o sentido de humor.

Num estudo sobre estratégias que os casais utilizam para lidar com as diferenças culturais, Seshandri e Knudson-Martin (2013) propõem quatro estratégias base que os casais interculturais parecem utilizar para lidar com as suas diferenças. A primeira estratégia é a criação de um ‘nós’, ou seja, de uma narrativa comum e de símbolos partilhados, criando uma realidade que é dos dois. Esta estratégia passa por tarefas como criar uma amizade- como base para uma relação de casal baseada na confiança e respeito, criar um sistema de valores comum, objetivos em comum e compromisso com a relação. As outras estratégias apontadas são a relativização das diferenças, não fazendo delas um tema central na relação, mas sim olhando para estas como uma coisa natural e positiva; a manutenção emocional, que passa por comunicar com clareza as emoções e inseguranças e também, como casal, procurar apoio na rede de suporte; e, por fim, o posicionamento em relação ao contexto social e familiar, isto é, assumir-se como um casal unido e respeitador, não reagindo ao preconceito ou comentários negativos de outros, defendendo-se de forma assertiva e construtiva.

Estudos apontam para o facto de que muitos casais interculturais referem consequências muito positivas, que advém do casamento intercultural; no entanto, para poderem atingir e desfrutar destas vantagens, é necessário que ambos o cônjuges sejam capazes de reconhecer as diferenças culturais e que se adaptem à cultura um do outro (Berry, 2008; Kim, 2001; Tili & Barker, 2015). O grau de ajustamento que é requerido nos casais interculturais depende do grau de aculturação de cada um relativamente à cultura do outro

(Frame, 2004; McGoldrick & Preto, 1984; Silva, Campbell & Wright, 2012). Contreras, Hendrick e Hendrick (1996) referem que a aculturação é um aspeto importante a ter em conta quando se estuda dimensões da intimidade e da satisfação conjugal de casais interculturais.

Os estudos sobre a aculturação parecem apresentar resultados contraditórios; alguns apontam para uma maior adaptação da mulher, outros referem que a adaptação está dependente da cultura ou do país de residência, outros ainda não encontram correlação entre estes fatores. Um estudo feito em Portugal com casais biculturais refere que quanto maior é a satisfação global com Portugal, maior é a satisfação conjugal dos homens membros de casais biculturais (Tormenta, 2009).

A aculturação é o termo que descreve a(s) mudança(s) que ocorrem no e decorrem do contacto entre duas ou mais culturas diferentes, tanto a nível de grupo como a um nível individual (Berry, 1980). Também pode ser descrita como um processo de transição que ocorre quando o indivíduo passa de um ambiente que lhe é familiar (a sua cultura) para um que lhe é desconhecido (Ting-Toomey, 1999). A aculturação, a nível individual, traduz-se em mudanças psicológicas observáveis no comportamento (valores, atitudes, capacidades). Frequentemente aparecem problemas psicológicos ligados a este processo; a estes problemas vários autores referem-se como ‘stress aculturativo’ (Berry, Kim, Minde, & Mok, 1987), que diz respeito às consequências ligadas à aculturação (psicológicas, sociais e em termos de saúde física). Estas consequências variam de indivíduo para indivíduo consoante os recursos de que este dispõe para lidar com as mudanças e a abertura que tem para assimilar e integrar coisas novas. Este processo – o de aculturação – inclui um subprocesso de adaptação, que diz respeito tanto às estratégias utilizadas como ao resultado, que se traduz em vários níveis de adaptação (desde mal adaptação até boa adaptação). Estudos mais tardios de Berry (2008) apontam para o facto de esta adaptação se tratar de um processo de duas dimensões e para a possibilidade de um indivíduo estar aculturado à sua própria cultura, à cultura do outro, a ambas ou a nenhuma.

Um estudo de Puschmann, Van de Driessche, Matthijs e Van de Putte (2016) refere que o casamento e a escolha de um parceiro nativo são muitas vezes considerados o ‘último passo’ do processo de aculturação, por parte de um elemento estrangeiro. Ainda, o casamento é um indicador não só de aculturação como de inclusão social. Estes autores propõem um modelo conceptual, no qual expõem o argumento de que estrangeiros imigrantes que se casam com nativos, assimilam totalmente a cultura do parceiro, tornando-se parte da sociedade a todos os níveis e sendo aceites como iguais não só pelos seus parceiros como pela sociedade. Em vários estudos os casamentos mistos são considerados como, simultaneamente, um

resultado de e um estímulo para o processo de assimilação da cultura (Puschmann et al., 2016; Song, 2009).

Este processo é frequentemente analisado a nível individual; no entanto, o processo de inclusão numa cultura nova, quando o indivíduo está casado com um membro dessa cultura, é um processo que é também feito em casal. Kim, Edwards, Sweeney e Joseph (2012) referem que, geralmente, o processo de aculturação é abordado como um processo ao nível macro; porém, este pode e deve ser analisado ao nível micro (conjugal). Este processo passa então por encontrar, em conjunto, estratégias para se incluir a si mesmo na cultura do outro e, simultaneamente, incluir o outro na sua cultura.

Romano (2001) propõe quatro tipos de estratégias utilizadas por casais biculturais para se adaptarem à cultura um do outro. O casal pode usar a estratégia de submissão ou imersão, que consiste em que um cônjuge se submeta completamente à cultura do outro, geralmente o cônjuge proveniente do país onde o casal vive atualmente é aquele a cuja cultura o outro se submete; pode utilizar a obliteração, onde ambos os cônjuges tentam negar a sua herança cultural e, assim, o casal cria uma terceira “identidade cultural”; a estratégia de compromisso, em que cada cônjuge abdica de aspetos da sua cultura; ou o consenso, em que os cônjuges estão abertos a mudanças e dispostos a adaptar-se às circunstâncias. A estratégia de consenso é considerada pelo autor como a mais vantajosa e promotora de maior qualidade relacional para os casais interculturais, porque se trata de uma estratégia que promove uma situação satisfatória para cada membro do casal individualmente e para o casal como um todo. Cada um dos cônjuges fica a ganhar com esta estratégia e, assim, o casal fica a ganhar também. Para além disto, nenhum dos cônjuges tem de desistir de nenhum aspeto da sua herança cultural e individualidade, permitindo-se um ao outro ser diferente, aceitando as diferenças do outro, através de soluções criativas, sentido de humor e flexibilidade, características que, como refere a literatura, são fundamentais para a promoção da qualidade relacional nestes casais.

Também Seshandri e Knudson-Martin (2013) propõem a existência de quatro estruturas de organização que os casais interculturais podem utilizar na sua relação, como forma de se adaptarem às diferenças culturais: a estrutura integrada, em que os casais são capazes de incluir na relação ambas as culturas, honrando as duas perspetivas diferentes; a coexistência, em que os casais assumem que têm culturas separadas e cada um dos cônjuges tem uma forma diferente de viver os vários aspetos da sua vida, respeitando a forma e as diferenças do outro, que são vistas como positivas e até atraentes; a assimilação singular, em que apenas um dos cônjuges assimila a cultura do outro, submetendo-se completamente a

esta; e a estrutura não-resolvida, que acontece quando o casal não consegue utilizar nenhuma estratégia e acaba por não saber o que fazer com as diferenças, ignorando-as ou tornando-as um centro de conflito e tensão conjugal.

Markoff (1977) propõe ainda duas soluções para os problemas com que os casais interculturais se deparam, referindo-se a estas como soluções simétricas e assimétricas: as soluções simétricas seriam aquelas em que um dos parceiros deixa a sua cultura de parte, adotando a cultura do outro; e as soluções assimétricas seriam o processo de o casal criar uma nova, ‘terceira’ cultura. Também nesta perspectiva de resolução dos problemas que advém de juntar duas culturas diferentes numa relação conjugal, Tseng (1977) propõe cinco tipos diferentes de ajustamento cultural que os casais utilizam: ajustamento unilateral – em que um dos cônjuges adota a cultura do outro –, ajustamento alternativo – o casal vai alternando entre as duas culturas, sendo que, em momentos diferentes, cada uma delas é dominante, à vez –, compromisso – ambos os cônjuges concordam com uma solução criada pelos dois –, ajustamento misto – ambas as culturas têm elementos constantemente representados na vida do casal – e ajustamento criativo – em que o casal decide deixar de parte as duas culturas e criar uma cultura própria.

No fundo, este processo de aculturação – que é feito não só individualmente mas também em casal – leva a que o indivíduo estrangeiro se sinta mais ou menos incluído na cultura do outro, ou seja, resulta em que ele se sinta num nível maior ou menor de inclusão cultural. O que os estudos apontam é que quanto mais satisfatório for este processo de aculturação e quanto mais adaptativas as estratégias que, não só o casal, mas também o indivíduo, utilizam para promover a inclusão cultural, mais satisfeitos estes casais parecem; assim, a inclusão cultural parece ser predizer e promover a qualidade relacional em casais interculturais.

Qualidade relacional pode ser definida utilizando a visão de Amato, Booth, Johnson e Rogers (2007), que definem este conceito como portador de várias dimensões que se complementam: satisfação, interações positivas, conflito, problemas percebidos e compromisso. O conceito de satisfação conjugal – uma das dimensões propostas da qualidade relacional – pode ser operacionalizado utilizando a definição de Hendrick, Dicke e Hendrick (1998, p. 137): satisfação conjugal diz respeito a “uma avaliação subjetiva de dada pessoa em relação ao que sente sobre a sua relação conjugal num dado momento.” Na literatura é mais frequente utilizar-se e medir-se o constructo ‘satisfação conjugal’ e é menos comum ouvir-se falar de qualidade relacional.

Lind (2008), reúne uma série de estudos qualitativos que indicam, de forma geral, que os casais monoculturais não diferem dos casais biculturais no grau de satisfação conjugal; que estes podem atingir um nível elevado de intimidade e compreensão; que podem negociar de forma saudável as suas diferenças; e que podem sentir-se mais satisfeitos com a relação se tiverem uma visão do mundo semelhante e se forem flexíveis. Um destes estudos é o de Nabeshima (2006), cujos resultados indicam que um respeito pelas diferenças do outro, juntamente com uma adequação dos papéis conjugais/ parentais, uma visão compatível sobre a educação dos filhos e uma forte rede de suporte, são fatores que contribuem para um relacionamento conjugal mais satisfatório e coeso em casais biculturais. Segundo Soncini (1997), num casal bicultural, se ambos os cônjuges tiverem consciência dos seus motivos genuínos para o casamento com alguém de outra cultura, se admitirem e aceitarem as diferenças culturais, as discutirem com abertura, as respeitarem, assim como respeitam a cultura do outro e a própria, se conseguirem ser flexíveis na resolução de conflitos e se adquirirem um ajustamento cultural que é aceite e satisfatório para ambos os cônjuges, então estes casais parecem ser mais harmoniosos do que os casais monoculturais. Heller e Wood (2000) propõem que casais biculturais se consideram mais íntimos e com um maior nível de entendimento, que provém de um processo contínuo de negociação sobre as suas diferenças culturais. Num estudo de Thompson (1998) com 35 casais biculturais participantes, verificou-se que uma semelhante visão do mundo e diferenças na flexibilidade interpessoal entre os membros do casal estavam significativamente relacionadas com a satisfação conjugal do mesmo. No mesmo sentido, Muller (2004) não encontrou diferenças entre os casais monoculturais e biculturais no que diz respeito à satisfação conjugal como um todo e também em várias dimensões que fazem parte de e que se correlacionam com a satisfação conjugal, como a comunicação, resolução de conflitos, educação dos filhos, papéis de género e relacionamento familiar.

Um estudo quantitativo realizado em Israel corrobora estes resultados: os autores estudaram a qualidade relacional em casais mistos (biculturais) em comparação com casais homogêneos e não encontraram diferenças em nenhum dos aspetos estudados da qualidade relacional (Weller & Rofé, 1988). Também Troy, Lewis-Smith e Laurenceau (2006), num estudo com casais interculturais e inter-raciais onde investigaram as diferenças (comparativamente com casais monoculturais e intrarraciais) na satisfação conjugal, padrões de conflito e estilo de vinculação, obtiveram resultados que mostram níveis mais elevados de satisfação conjugal nos casais inter-raciais. Num estudo com casais mexicanos-americanos, Negy e Snyder (2000), obtiveram resultados com níveis mais elevados de satisfação em

relação à dimensão afetiva da satisfação conjugal e níveis mais baixos de conflito conjugal, em casais interculturais, em comparação com casais monoculturais.

Apesar dos obstáculos, muitos casais indicam como pontos fortes ou recompensas das suas relações interculturais: crescimento pessoal devido à oportunidade diária de clarificar e poder modificar as próprias crenças, valores e preconceitos; desenvolvimento de diferentes quadros de referência culturais e oportunidade de integrar múltiplos sistemas de valores; experiência de diversidade e vitalidade emocional, por participarem em diferentes costumes e tradições; desenvolvimento de uma relação mais positiva, coesa, profunda e forte com o parceiro, por terem passado por situações de discriminação e terem aprendido a perdoar e crescer; e educação de crianças com uma mente aberta e recursos emocionais e pessoais mais desenvolvidos, que veem o mundo através de uma lente multicultural (Killian, 2009).

Também num estudo qualitativo de Renalds (2011) sobre o impacto da comunicação e o conflito nas relações interculturais, os casais participantes referem que o seu casamento intercultural os tornou pessoas mais tolerantes, os fez crescer a nível pessoal e diminui o seu grau de etnocentrismo, porque os tornou capazes de experienciar uma nova cultura.

Um estudo realizado com casais asiáticos (Lee, Balkin, & Fernandez, 2017), em que se comparou o nível de aculturação, a satisfação conjugal e as características da personalidade, concluiu que casais interculturais asiáticos mostram níveis mais elevados de abertura, conscienciosidade e extroversão, características que podem ser promotoras do diálogo e resolução de problemas e que, simultaneamente, podem ser também resultado de estarem numa relação intercultural. Ainda, estes casais apresentaram níveis mais elevados de aculturação, em comparação com casais monoculturais. Estes fatores – um nível de aculturação moderado-elevado e características pessoais promotoras de uma comunicação mais satisfatória – resultam em níveis semelhantes de satisfação conjugal comparativamente com casais monoculturais.

Em resumo, a literatura sobre casais interculturais verifica que, apesar das diferenças, estes casais atingem níveis de satisfação conjugal idênticos aos de casais monoculturais. Ainda, os resultados apontam para os seguintes fatores protetores da relação: respeito por ambas as culturas; flexibilidade; um estilo de ajustamento cultural/ inclusão cultural mútuos e satisfatórios; estratégias de *coping* diádico adequadas; contacto com a cultura de origem; e uma visão compatível sobre a educação dos filhos.

1.1. O Presente Estudo

O presente trabalho pretende estudar a qualidade relacional e a inclusão cultural em casais interculturais residentes em Portugal, tendo como questão de partida: “*De que forma é que as dimensões da inclusão cultural se relacionam com a qualidade da relação em casais interculturais?*”. Pretende-se analisar como é que as dimensões da inclusão cultural se relacionam com a qualidade relacional nestes casais. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho é caracterizar e examinar a relação entre inclusão cultural e a qualidade relacional em casais interculturais e os objetivos específicos são: a) examinar se os níveis de inclusão cultural e de qualidade relacional variam de acordo com o sexo dos cônjuges (“*Ser o membro masculino ou feminino do casal influencia as dimensões da inclusão cultural e a qualidade relacional dos cônjuges?*”); b) examinar se os níveis de inclusão cultural e de qualidade relacional variam de acordo com a nacionalidade dos cônjuges (“*Ser o membro nacional ou estrangeiro do casal influencia as dimensões da inclusão cultural e a qualidade relacional dos cônjuges?*”); c) examinar as associações correlacionais, individuais e diádicas, entre as dimensões da inclusão cultural e a qualidade relacional para os casais interculturais (“*As dimensões da inclusão cultural estão correlacionadas com a qualidade relacional dos casais interculturais, a nível individual e a nível diádico?*”); e d) examinar as associações preditivas, individuais e diádicas, entre as dimensões da inclusão cultural e a qualidade relacional para os casais interculturais (“*As dimensões da inclusão cultural são preditoras da qualidade relacional em casais interculturais, a nível individual e a nível diádico?*”).

O presente estudo tem ainda como base o mapa conceptual representado na **Figura 1**.

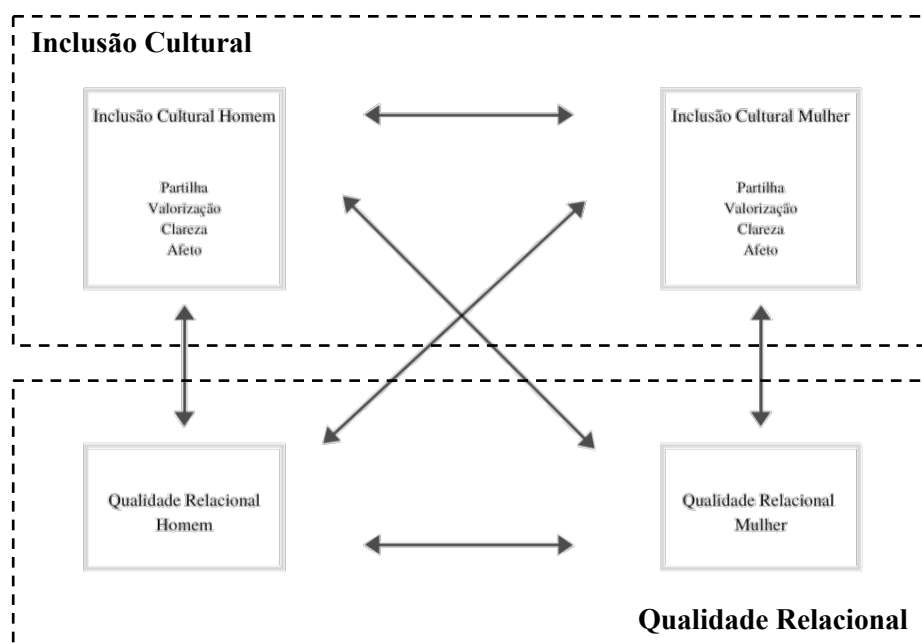


Figura 1 - Mapa Conceptual

Na literatura, o tema da qualidade relacional em casais interculturais já foi muito estudado, mas raramente aliado apenas ao fator da inclusão cultural; a maior parte dos estudos aponta múltiplos fatores preditores da qualidade relacional destes casais. Mais, não se encontrou na literatura estudos que relacionem as categorias que constituem a inclusão cultural com a qualidade relacional. Para além de examinar de forma mais completa esta relação, pretende-se também preencher uma lacuna na literatura, que diz respeito ao estudo destas variáveis em casais residentes em Portugal.

Desta forma, e com base na revisão de literatura, propõe-se a seguinte hipótese:

H1: Quanto mais elevados os níveis de inclusão cultural nas suas quatro dimensões (partilha da identidade cultural, valorização do parceiro em relação à identidade cultural do próprio, clareza na identidade cultural e afeto positivo) mais elevados os níveis de qualidade relacional percebida em casais interculturais, tanto a nível individual como diádico.

2. Método

2.1. Participantes

A amostra, cuja caracterização sociodemográfica se encontra representada no Anexo D, foi constituída por 118 participantes ($N = 118$), num total de 59 casais – 59 mulheres, com idades entre os 23 e os 75 anos ($M = 41$; $DP = 11.70$) e 59 homens, com idades entre os 24 e os 74 anos ($M = 43.24$; $DP = 11.23$). 56% destes casais encontram-se casados e 44% em coabitação/ união de facto. A média da duração da relação é 12 anos ($DP = 11.20$). 20% dos casais não têm filhos e 80% têm pelo menos um filho. 76% dos casais sempre viveram em Portugal e, em termos de zona de residência, 5,2% vivem na zona norte, 25,9% na zona centro, 1,7% na zona sul e 67,2% na área metropolitana de Lisboa.

Relativamente às mulheres, 52,5% têm um país de origem diferente de Portugal – 22% são de um país americano, 17% de um país europeu e 13,6% de um país africano. Estas mulheres estrangeiras viveram em média 16,5 anos ($DP = 3.01$) até aos 18 anos no seu país de origem e vivem em Portugal há uma média de 15,9 anos ($DP = 11.58$). Em relação à escolaridade, 69,5% das mulheres participantes apresentam habilitações de ensino superior e 20,3% têm o ensino secundário. 76% estão empregadas, 9% desempregadas e 12% noutra

condição (e.g. baixa, reforma). 47,5% das mulheres são crentes, predominantemente católicas – 29%.

No que diz respeito aos homens, 47,5% têm um país de origem diferente de Portugal – 32,3% são de um país europeu, 11,9% de um país americano e 5,1% de um país africano. Os homens estrangeiros viveram em média 17,1 anos (DP = 1.69) até aos 18 anos no seu país de origem e vivem em Portugal há uma média de 16 anos (DP = 9.95). Em relação à escolaridade, 59,3% dos homens participantes apresentam habilitações de ensino superior e 20,3% têm o ensino secundário. 83,1% estão empregados, 1,7% desempregados e 10,2% noutra condição (e.g. baixa, reforma). 54,2% dos homens são crentes, predominantemente católicos – 34%.

2.2. Procedimento

Este foi um estudo quantitativo, integrado no projeto '*World Couples: Adaptação Individual, Conjugal e Familiar em Casais Mono e Interculturais*', aprovado pela Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este estudo implicou um só momento de recolha de dados – realizada entre setembro de 2019 e março de 2020 – e apresentou um desenho transversal.

Os critérios de inclusão dos participantes foram os seguintes: estar numa relação de casal, heterossexual, formada por um elemento estrangeiro e um elemento português; o elemento estrangeiro deve ter vivido no seu país de origem a maior parte do tempo até aos 18 anos (e.g. pelo menos 9,5 anos) e o elemento português deve ter vivido em Portugal a maior parte do tempo até aos 18 anos; os casais participantes devem estar numa relação há pelo menos um ano e devem estar casados ou em coabitação/ união de facto; os casais devem viver atualmente em Portugal.

A recolha da amostra foi feita através do método 'bola de neve', iniciando-se na rede de contactos dos investigadores e, a partir daí, recrutando outros participantes indicados pelos participantes iniciais. Os questionários foram entregues aos casais participantes em mãos ou por correio e foram dadas duas semanas para estes responderem e os devolverem, em envelope fechado. Aos participantes foi pedido que respondessem a seu questionário individualmente (e não em casal) tendo sido informados de que os seus dados apenas seriam tratados coletivamente e que, uma vez que o protocolo fosse devolvido, não existiria nenhuma forma de identificar que questionário pertencia a cada casal. Escolheu-se fazer a entrega e devolução dos questionários em mãos ou por correio por questões de controlo da amostra,

uma vez que a tentativa anterior de colocar o protocolo *online* se traduziu em perda de qualidade amostral. Através da recolha em mãos e por correio, os investigadores conseguiram garantir que os critérios de inclusão da amostra tivessem sido cumpridos, já que apenas casais que cumpriam os critérios tiveram acesso ao protocolo.

Cada envelope entregue aos casais continha dois questionários – um para o elemento português (em língua portuguesa) e um para o elemento estrangeiro (que podia escolher preencher o questionário em português ou em inglês). Cada questionário continha também o consentimento informado, que incluía informações sobre o projeto de investigação (contexto, objetivo-geral e instituição-sede), condições/ critérios de participação, papel dos participantes (importância de responder individualmente, possibilidade de desistência a qualquer momento, direito de não responder a qualquer pergunta), papel dos investigadores (informação sobre a confidencialidade dos dados, utilizados apenas para fins de investigação e tratados de forma coletiva) e contactos. Os participantes deveriam ler e rubricar este consentimento informado antes de preencherem o protocolo.

Quando se terminou a recolha da amostra, cada investigador numerou os seus envelopes dando um número diferente a cada casal, garantindo assim a confidencialidade dos dados e garantindo também que o questionário de um membro do casal seria sempre emparelhado com o questionário do cônjuge.

2.3. Instrumentos

2.3.1. Questionário sociodemográfico

Este questionário foi construído no âmbito do projeto, com o objetivo de recolher dados sociodemográficos e dados relacionados com o agregado familiar dos participantes. As perguntas que se encontram neste questionário têm os seguintes temas – idade, sexo, nacionalidade/ status – português vs. estrangeiro (“Onde viveu a maior parte do tempo até aos 18 anos?”; “Quantos anos viveu nesse país até aos 18 anos?”; “Há quantos anos vive em Portugal?”; “Há algum elemento da sua família de origem a viver em Portugal?”; “Os seus pais são portugueses?”), localidade onde vive, profissão, escolaridade, religião, agregado familiar, situação conjugal, dados relativos aos filhos (número, filiação, sexo, idade, quantos dias por mês vivem consigo e problemas de saúde), rendimento mensal e origem étnica.

2.3.2. Índice de Inclusão Cultural (ICI)

A versão portuguesa do *Index of Cultural Inclusion* (Killian, 2013) – Índice de Inclusão Cultural (Lopes, Santos, & Crespo, 2019), apresentado no Anexo B – é um instrumento em desenvolvimento neste projeto. Este é um instrumento de autorrelato que permite avaliar o grau de inclusão de cada membro relativamente à sua própria cultura e à do parceiro, em casais interculturais. É constituído por 26 itens, organizados em quatro domínios diferentes a avaliar, propostos por Killian (2013). O primeiro domínio, *Partilha da Identidade Cultural* (itens 1, 2, 3, 4, 5, 6), avalia o grau em que o membro do casal se sente confortável em partilhar com o seu cônjuge aspetos ligados à sua própria identidade cultural e origem étnica, sendo avaliado através de itens como “Eu falo com o meu companheiro/a sobre a minha história e identidade cultural e étnica”. O domínio *Valorização do parceiro em relação à Identidade Cultural do próprio* (itens 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13) está relacionado com um sentimento de valorização e respeito por parte do parceiro em relação à cultura do próprio, sendo avaliado através de itens como “O meu companheiro/a encoraja-me a incluir as minhas tradições familiares, culturais e/ ou étnicas na nossa vida comum”. O domínio *Clareza na Identidade Cultural* (itens 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20); diz respeito a quão claros estão para a pessoa vários aspetos ligados à sua identidade cultural. Este domínio engloba itens como “A minha origem cultural ou étnica faz claramente parte de quem eu sou hoje em dia”. O último domínio, *Afeto positivo* (itens 21, 22, 23, 24, 25, 26), avalia como a pessoa se sente em relação à sua cultura e origem étnica; mais precisamente, avalia se existem sentimentos positivos em relação a estes aspetos. Para tal, utiliza itens como “Tenho muito orgulho na minha origem étnica/ cultural”.

Os itens são respondidos através de uma escala de *Likert* de 5 pontos quanto ao grau de concordância, onde (0) corresponde a ‘discordo fortemente’ e (5) corresponde a ‘concordo fortemente’.

Sendo este um instrumento em desenvolvimento no âmbito do projeto, até ao ano passado ainda não existia uma versão portuguesa do Índice e, neste sentido, este questionário ainda só foi validado num estudo realizado em 2019, no âmbito de uma tese de mestrado (Lopes, 2019). Nesse estudo, as subescalas do IIC apresentaram níveis bons e muito bons de consistência interna: $.66 < \alpha < .89$ para as mulheres e $.72 < \alpha < .89$ para os homens, à exceção da subescala *clareza na identidade cultural*, que apresentou um valor aceitável de consistência interna ($\alpha = .66$) (Cronbach, 1951).

2.3.3. Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida (PRQCI)

A versão portuguesa do *Perceived Relationship Quality Components Inventory* (Fletcher, Simpson, & Thomas, 2000) – Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida (Crespo, Davide, Costa, & Fletcher, 2008) – é um instrumento de autorrelato que pretende avaliar a qualidade da relação conjugal percebida por cada cônjuge (Anexo C). Este foi o instrumento utilizado para medir a variável *qualidade relacional*, avaliando seis componentes desta variável – satisfação (“Até que ponto está satisfeito com a sua relação?”), compromisso (“Até que ponto se empenha na sua relação?”), intimidade (“Até que ponto a sua relação é íntima?”), confiança (“Até que ponto confia no seu companheiro?”), paixão (“Até que ponto a sua relação é apaixonada?”) e amor (“Até que ponto ama o seu companheiro?”). No presente estudo apenas foram utilizados estes seis itens (um item para cada uma das dimensões avaliadas), tal como recomendado pelos autores do inventário original (Fletcher et al., 2000), que no instrumento completo, correspondem aos itens 1, 4, 7, 10, 13 e 16.

Os itens são avaliados através de uma escala de *Likert* de 7 pontos em relação à concordância – (1) corresponde a ‘mesmo nada’ e (7) corresponde a ‘extremamente’.

Os seis itens escolhidos para este estudo apresentam, em conjunto, uma boa consistência interna ($\alpha = .88$). Na sua totalidade, o Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida (versão original) apresenta uma boa consistência interna, com valores de α entre .74 e .94 (Fletcher et al., 2000). Num estudo português (Crespo et al., 2008), obtiveram-se valores superiores de consistência interna ($\alpha = .96$) (Cronbach, 1951).

2.4. Análise de dados

A análise de dados foi realizada através do *software Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 26 para Macs (IBM, SPSS Inc., Chicago, IL).

Realizou-se uma análise estatística descritiva (média, desvio-padrão, mediana, amplitude interquartil, simetria e achatamento na distribuição dos resultados) dos dados sociodemográficos, por sexo (por exemplo a média de idades, percentagem de casamentos vs. coabitação/ união de facto, média da duração da relação e percentagem de casais com filhos).

Foram feitas as diferenças de médias entre homens e mulheres nas variáveis a analisar (qualidade relacional e inclusão cultural) através de um *teste-t* para amostras emparelhadas e realizou-se um *teste-t* amostras independentes com a variável nacionalidade.

Foi também feita uma tabela diádica de correlações, por recurso a correlações de Pearson, entre inclusão cultural e qualidade relacional para homens e mulheres, bem como regressões lineares múltiplas com as mesmas variáveis, para ambos os sexos de forma individual e diádica. Consideraram-se associações pequenas quando $r \geq .10$, médias quando $r \geq .30$ e grandes quando $r \geq .50$ (Cohen, 1992). Os testes realizados tiveram como referência o valor de significância de $p < .05$, à exceção das análises correlacionais, em que se utilizaram os valores de significância de $p < .05$ e de $p < .01$.

3. Resultados

3.1. Diferenças de médias

3.1.1. Diferenças de médias entre homens e mulheres nas subescalas do Índice de Inclusão Cultural

Realizaram-se testes-*t* para amostras emparelhadas no sentido de averiguar as diferenças entre homens e mulheres relativamente às quatro subescalas do Índice de Inclusão Cultural – *partilha da identidade cultural*, *valorização do parceiro em relação à identidade cultural do próprio*, *clareza na identidade cultural* e *afeto positivo* –, cujos resultados se encontram na Tabela 1. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) entre homens e mulheres na subescala *afeto positivo* ($t(54) = -3.085$, $p = .003$, *two-tailed*), sendo que os homens apresentaram resultados inferiores ($M = 3.68$, $DP = .97$) aos das mulheres ($M = 4.05$, $DP = .77$).

Tabela 1

Teste-t em amostras emparelhadas das dimensões da inclusão cultural em homens e mulheres

Diferenças	M	DP	t	Graus de liberdade	<i>p</i> (2-tailed)
Partilha homem – Partilha mulher	-.028	.559	-.365	53	.716
Valorização homem- Valorização mulher	-.051	.879	-.424	52	.673
Clareza homem – Clareza mulher	-.158	.925	-1.276	55	.207
Afeto homem – Afeto mulher	-.377	.905	-3.085	54	.003

3.1.2. Diferenças de médias entre homens e mulheres no Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida

Realizaram-se testes-*t* para amostras emparelhadas no sentido de averiguar as diferenças entre homens e mulheres relativamente ao Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida, cujos resultados se encontram na Tabela 2. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) entre homens ($M = 5.98$, $DP = .90$) e mulheres ($M = 6.05$, $DP = 1.07$) em relação aos componentes de qualidade relacional percebida ($t(54) = -.557$, $p = .58$, *two-tailed*).

Tabela 2

Teste-t em amostras emparelhadas da variável qualidade relacional em homens e mulheres

Diferenças	M	DP	t	Graus de liberdade	p (2-tailed)
Qualidade Relacional homem – Qualidade Relacional mulher	-.061	.807	-.557	54	.580

3.1.3. Diferenças de médias entre as variáveis nacional e estrangeiro no Índice de Inclusão Cultural e no Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida

Procedeu-se à realização de *testes-t* para amostras independentes, com o objetivo de averiguar se as variáveis em estudo eram influenciadas pela nacionalidade dos participantes (membro nacional ou estrangeiro do casal), cujos resultados se encontram na Tabela 3 e na Tabela 4. Na Tabela 3 apresentam-se os valores do teste-*t* para os homens, a partir dos quais se concluiu que tanto as dimensões da *inclusão cultural* como a *qualidade relacional* não apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) entre as variáveis *nacional* e *estrangeiro* para os homens. Na Tabela 4 apresentam-se os valores do teste-*t* para as mulheres. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) entre as variáveis *nacional* ($M = 4.67$; $DP = .54$) e *estrangeiro* ($M = 4.29$; $DP = .75$) na subescala *partilha da identidade cultural*, sendo que o valor mais elevado corresponde a quando a mulher é o elemento nacional do casal ($t(51) = 2.16$, $p = .04$, *two-tailed*).

Tabela 3

Teste-t em amostras independentes das variáveis inclusão cultural e qualidade relacional em homens

Variáveis	t	Graus de liberdade	p (2-tailed)
Partilha homem	-1.774	55	.082
Valorização homem	-2.018	53	.049
Clareza homem	.291	56	.772
Afeto homem	-.754	56	.454
Qualidade Relacional homem	-1.483	53	.144

Tabela 4

Teste-t em amostras independentes das variáveis inclusão cultural e qualidade relacional em mulheres

Variáveis	t	Graus de liberdade	p (2-tailed)
Partilha mulher	2.156	51	.036
Valorização mulher	1.654	55	.104
Clareza mulher	.382	55	.704
Afeto mulher	.266	54	.792
Qualidade Relacional mulher	1.933	54	.059

3.2. Correlações**3.2.1. Tabela de correlações individuais e diádicas para as dimensões da Inclusão Cultural e a Qualidade Relacional**

A Tabela 5 apresenta a matriz de correlações de natureza individual e diádica entre as quatro dimensões da *inclusão cultural* – *partilha da identidade cultural*, *valorização do parceiro em relação à identidade cultural do próprio*, *clareza na identidade cultural* e *afeto positivo* – e a *qualidade relacional* entre homens e mulheres. Foram encontradas associações positivas fortes entre as variáveis *partilha da identidade cultural* e *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* em ambos os sexos ($r = .68$ no homens; $r = .61$ nas mulheres). Para o sexo masculino foram encontradas associações positivas fortes entre as variáveis *clareza na identidade cultural* e *afeto positivo* ($r = .65$); para as mulheres foram

encontradas associações positivas fortes entre a *partilha da identidade cultural* e *clareza na identidade cultural* ($r = .56$) e entre a *clareza na identidade cultural* e *afeto positivo* ($r = .71$). No que diz respeito a associações entre os dois sexos, encontraram-se também associações positivas fortes entre as variáveis *partilha da identidade cultural* do homem e *partilha da identidade cultural* da mulher ($r = .66$), *partilha da identidade cultural* do homem e *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* da mulher ($r = .53$), *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* do homem e *partilha da identidade cultural* da mulher ($r = .62$) e *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* do homem e *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* da mulher ($r = .58$).

Em relação à variável *qualidade relacional*, foi encontrada uma associação positiva forte entre a *qualidade relacional* do homem e a *qualidade relacional* da mulher ($r = .68$).

Encontraram-se correlações positivas moderadas entre as várias dimensões da inclusão cultural para ambos os sexos: *partilha da identidade cultural* do homem e *afeto positivo* ($r = .36$ nos homens; $r = .47$ nas mulheres) e *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* e *clareza na identidade cultural* ($r = .44$ nos homens; $r = .38$ nas mulheres). Para o sexo masculino encontraram-se correlações positivas moderadas entre a *partilha da identidade cultural* e *clareza na identidade cultural* ($r = .47$). Para o sexo feminino encontraram-se correlações moderadas entre a *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* e *afeto positivo* ($r = .38$). Entre sexos encontraram-se também correlações positivas moderadas entre as variáveis *partilha da identidade cultural* do homem e *afeto positivo* da mulher ($r = .31$), *clareza na identidade cultural* do homem e *partilha da identidade cultural* da mulher ($r = .34$), *clareza na identidade cultural* do homem e *afeto positivo* da mulher ($r = .31$), *afeto positivo* do homem e *partilha da identidade cultural* da mulher ($r = .32$), *partilha da identidade cultural* do homem e *clareza na identidade cultural* da mulher ($r = .35$), *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* do homem e *clareza na identidade cultural* da mulher ($r = .38$), *clareza na identidade cultural* do homem e *clareza na identidade cultural* da mulher ($r = .45$), *afeto positivo* do homem e *afeto positivo* da mulher ($r = .48$) e *afeto positivo* do homem e *clareza na identidade cultural* da mulher ($r = .41$).

Em relação à *qualidade relacional*, foi encontrada uma correlação positiva moderada entre todas as dimensões da *inclusão cultural* do homem e a *qualidade relacional* do homem ($r = .49$ na *partilha da identidade cultural*; $r = .44$ na *valorização do parceiro em relação à identidade cultural*; $r = .47$ na *clareza na identidade cultural*; e $r = .43$ no *afeto positivo*). Para as mulheres foram encontradas correlações moderadas na *partilha da identidade cultural*

e *qualidade relacional* ($r = .44$) e na *valorização do parceiro em relação à identidade cultural e qualidade relacional* ($r = .39$). Entre sexos encontraram-se correlações entre o *afeto positivo* do homem e a *qualidade relacional* da mulher ($r = .41$), *qualidade relacional* do homem e *partilha da identidade cultural* da mulher ($r = .44$) e *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* do homem e *qualidade relacional* da mulher ($r = .33$).

Tabela 5

Matriz de correlações individuais e diádicas entre as dimensões da inclusão cultural e a qualidade relacional em homens e mulheres

	Homens		Mulheres								<i>M / DP</i>	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
<u>Homens</u>												
1. Partilha	-											4.427 / .686
2. Valorização	.679**	-										3.925 / .918
3. Clareza	.467**	.443**	-									4.003 / .818
4. Afeto	.358**	.257	.654**	-								3.643 / .969
5. QualRelacional	.489**	.435**	.469**	.434*	-							5.985 / .901
<u>Mulheres</u>												
6. Partilha	.664**	.623**	.335*	.322*	.443**	-						4.473 / .676
7. Valorização	.526**	.584**	.261	.264*	.252	.609**	-					3.960 / .990
8. Clareza	.349**	.384**	.449**	.409**	.261	.556**	.376**	-				4.146 / .967
9. Afeto	.311*	.210	.310*	.479**	.246	.474**	.376**	.710**	-			4.028 / .784
10. QualRelacional	.285*	.326*	.204	.406**	.675**	.440**	.393**	.244	.151	-		6.035 / 1.074

Nota. **Correlação é significativa a $p < .01$; *Correlação é significativa a $p < .05$.

3.3. Regressões

Com o objetivo de examinar o papel preditivo das dimensões da inclusão cultural na qualidade relacional, realizaram-se quatro regressões lineares múltiplas para as variáveis em estudo, para ambos os sexos: uma regressão com as variáveis independentes dos homens (*partilha da identidade cultural, valorização do parceiro em relação à identidade cultural do próprio, clareza na identidade cultural e afeto positivo*) e a variável dependente dos homens (*qualidade relacional*), cujos resultados estão representados na Tabela 6; uma regressão com as variáveis independentes das mulheres (*partilha da identidade cultural, valorização do parceiro em relação à identidade cultural do próprio, clareza na identidade cultural e afeto positivo*) e a variável dependente das mulheres (*qualidade relacional*), cujos resultados se encontram representados na Tabela 7; uma regressão com as variáveis independentes das mulheres e a variável dependente dos homens, cujos resultados estão representados na Tabela 8; e, por fim, uma regressão com as variáveis independentes dos homens e a variável dependente das mulheres, cujos resultados estão na Tabela 9.

Para os homens, os resultados indicam que o modelo de regressão é significativo na predição de *qualidade relacional* através das dimensões da *inclusão cultural* dos homens. O coeficiente de determinação ($R^2 = .358$) indica que 35,8% da variabilidade na *qualidade relacional* é explicada pelo modelo de regressão, ou seja, pelas dimensões da *inclusão cultural*. A análise de variância (ANOVA), indica que a variação explicada é suficientemente forte para provocar uma regressão ($p = .000$). No entanto, quando se observa os resultados dos coeficientes para cada dimensão conclui-se que cada uma das dimensões individualmente não são estatisticamente significativas na predição da variável dependente ($p > .05$).

Os resultados indicam, também, que o modelo de regressão é significativo na predição de *qualidade relacional* para as mulheres através das dimensões da *inclusão cultural* das mulheres. O coeficiente de determinação ($R^2 = .284$) indica que 28,4% da variabilidade na *qualidade relacional* é explicada pelas dimensões da *inclusão cultural*. A análise de variância (ANOVA), indica que a variação explicada é suficientemente forte para provocar uma regressão ($p = .005$). Observando os resultados dos coeficientes para cada dimensão conclui-se que as duas dimensões que melhor predizem a variável dependente são a *partilha da identidade cultural* ($p = .020$) e a *valorização do parceiro em relação à identidade cultural* ($p = .040$).

Entre sexos, os resultados não foram estatisticamente significativos na predição da variável dependente através das variáveis independentes de forma diádica. Os resultados

indicam que o modelo de regressão não é significativo na predição de *qualidade relacional* dos homens através das dimensões da *inclusão cultural* das mulheres. O coeficiente de determinação ($R^2 = .190$) indica que apenas 19% da variabilidade na *qualidade relacional* dos homens é explicada pelo modelo de regressão, ou seja, pelas dimensões da *inclusão cultural* das mulheres. A análise de variância (ANOVA), indica que a variação explicada não é suficientemente forte para provocar uma regressão ($p = .060$). Quando se observa os resultados dos coeficientes para cada dimensão conclui-se que apenas uma das dimensões (*partilha da identidade cultural*) é estatisticamente significativa na predição da variável dependente ($p > .02$). Os resultados indicam, também, que o modelo de regressão não é significativo na predição de *qualidade relacional* das mulheres através das dimensões da *inclusão cultural* dos homens. O coeficiente de determinação ($R^2 = .192$) indica que apenas 19,2% da variabilidade na *qualidade relacional* das mulheres é explicada pelas dimensões da *inclusão cultural* dos homens. A análise de variância (ANOVA), indica que a variação explicada é suficientemente forte para provocar uma regressão ($p = .040$), porém, quando se observa os resultados dos coeficientes para cada dimensão conclui-se que nenhuma das dimensões, individualmente, é estatisticamente significativa na predição da variável dependente ($p > .05$).

Tabela 6

Regressão linear entre as subescalas da variável inclusão cultural e a qualidade relacional dos homens

Preditores	B	DP	β	p	R	R^2	R^2 ajustado	ANOVA (p)
Partilha homem	.369	.217	.287	.095*				
Valorização homem	.091	.165	.092	.584*				
Clareza homem	.266	.190	.254	.168*				
Afeto homem	.093	.152	.101	.547*				
Modelo Regressão					.598	.358	.300	.000*

Nota. Variável Dependente: Qualidade Relacional homem; * $p < .05$.

Tabela 7

Regressão linear entre as subescalas da variável inclusão cultural e a qualidade relacional das mulheres

Preditores	B	DP	β	p	R	R ²	R ² ajustado	ANOVA (p)
Partilha mulher	.732	.302	.392	.020*				
Valorização mulher	.376	.178	.329	.040*				
Clareza mulher	-.040	.216	-.034	.853*				
Afeto mulher	-.346	.254	-.247	.180*				
Modelo Regressão					.553	.284	.219	.005*

Nota. Variável Dependente: Qualidade Relacional mulher; * $p < .05$.

Tabela 8

Regressão linear entre as subescalas da variável inclusão cultural das mulheres e a qualidade relacional dos homens

Preditores	B	DP	β	p	R	R ²	R ² ajustado	ANOVA (p)
Partilha mulher	.714	.288	.460	.017*				
Valorização mulher	.058	.160	.061	.718*				
Clareza mulher	-.127	.210	-.117	.548*				
Afeto mulher	-.002	.232	-.002	.993*				
Modelo Regressão					.436	.190	.113	.060*

Nota. Variável Dependente: Qualidade Relacional homem; * $p < .05$.

Tabela 9

Regressão linear entre as subescalas da variável inclusão cultural dos homens e a qualidade relacional das mulheres

Preditores	B	DP	β	p	R	R ²	R ² ajustado	ANOVA (p)
Partilha homem	.069	.265	.049	.794*				

Valorização homem	.344	.202	.312	.095*				
Clareza homem	-.180	.234	-.155	.446*				
Afeto homem	.321	.188	.313	.095*				
Modelo Regressão					.438	.192	.122	.040*

Nota. Variável Dependente: Qualidade Relacional mulher; * $p < .05$.

4. Discussão

4.1. Diferenças de médias

Não foram observadas diferenças significativas entre os resultados médios dos homens e das mulheres, para cada subescala do Índice de Inclusão Cultural, à exceção de uma diferença significativa na categoria *afeto positivo*, onde as mulheres demonstraram uma presença mais forte de sentimentos positivos em relação à sua cultura e origem étnica. A ausência de diferenças significativas entre homens e mulheres nos restantes domínios, demonstrou semelhanças entre os dois grupos em relação à partilha com o cônjuge de aspetos ligados à própria cultura, origem étnica e identidade cultural; demonstrou que ambos se sentem igualmente valorizados e respeitados por parte do parceiro em relação à sua cultura; e demonstrou semelhanças no quão claros são para os homens e para as mulheres os vários aspetos ligados à sua cultura. Estes resultados indicam que, tanto os homens como as mulheres, sentem níveis semelhantes de inclusão cultural, na maior parte dos domínios que fazem parte deste constructo.

No que diz respeito à qualidade da relação, através desta análise, não se observaram diferenças entre os resultados médios dos homens e das mulheres. Desta forma, os resultados indicam que nesta amostra de casais interculturais ambos os cônjuges sentem níveis semelhantes de satisfação com a relação. Dado que os valores médios foram elevados para ambos os sexos, estes resultados apontam também no sentido de que estes casais apresentam níveis elevados de qualidade relacional percebida. Estes resultados corroboram as conclusões encontradas na literatura relativa à satisfação relacional nos casais interculturais: estes casais não só não diferem dos casais monoculturais nos níveis de qualidade relacional, como podem até apresentar uma maior satisfação com a relação conjugal (Gaspar, Ramos, & Ferreira,

2013; Heller & Wood, 2000; Lind, 2008; Muller, 2004; Nabeshima, 2006; Negy & Snyder, 2000; Soncini, 1997). Vários autores se dedicaram à explicação do porquê de os casais interculturais apresentarem níveis mais elevados de qualidade relacional. Tanto Heller e Wood (2000) como Lind (2008), apontam que estes apresentam níveis maiores de intimidade e compreensão, por existir uma necessidade de negociação saudável das diferenças e uma necessidade de flexibilidade. Soncini (1997) refere que casais interculturais que compreendam as suas diferenças, que comuniquem de forma aberta e eficaz e que respeitem a cultura do outro, bem como a sua própria, parecem ter níveis mais elevados de satisfação com a relação.

No que diz respeito aos resultados médios dos membros estrangeiros e nacionais dos casais relativamente às variáveis em estudo, verificaram-se diferenças significativas na dimensão *partilha da identidade cultural*, quando reportada por uma mulher estrangeira ou por uma mulher portuguesa. Quando a mulher é o elemento nacional do casal, reporta sentir-se mais confortável na partilha com o cônjuge estrangeiro de aspetos ligados à própria cultura e identidade cultural. Pelo contrário, as mulheres estrangeiras reportam sentir-se menos à vontade nesta partilha com o cônjuge português. A variável *nacionalidade* (portuguesa vs. estrangeira), só parece influenciar a dimensão da inclusão cultural acima descrita para o sexo feminino; tanto as restantes dimensões da inclusão cultural como a qualidade da relação, não parecem ser influenciadas pela nacionalidade. Nos homens, os resultados mostram que a *nacionalidade* não influencia as duas variáveis em estudo. Estes resultados indicam que, tanto os membros estrangeiros como os membros nacionais do casal, sentem níveis semelhantes de inclusão cultural (à exceção da dimensão *partilha da identidade cultural* para as mulheres) e de qualidade relacional.

4.2. Correlações

No que diz respeito à inclusão cultural, os resultados das análises diádicas de correlações, indicaram que em ambos os sexos a partilha de aspetos ligados à sua cultura estava ligada a um sentimento de valorização e respeito dessa identidade cultural por parte do parceiro. Também em ambos os sexos, a forma como se sentiam em relação à sua cultura de origem, estava relacionada com o quão claros estão os vários aspetos ligados a essa cultura; ou seja, quanto mais clara era esta identidade cultural, mais os indivíduos experienciavam sentimentos positivos em relação à mesma.

Para as mulheres, o sentirem-se confortáveis em partilhar com o parceiro aspetos ligados à sua cultura estava também ligado a esta clareza na identidade cultural. Entre os dois sexos, verificou-se que, quando um dos cônjuges se sente mais à vontade para partilhar os aspetos da sua identidade cultural, o outro também se sente mais confortável nessa partilha. Também a partilha por parte dos homens estava ligada um sentimento de valorização e respeito por parte do parceiro nas mulheres. Isto significa que as mulheres reportaram sentirem a sua cultura mais valorizada e respeitada por parte dos cônjuges, quando estes também partilhavam mais sobre a sua própria cultura. Por outro lado, também se verificou que havia um maior sentimento de valorização e respeito por parte da parceira nos homens, quando as mulheres reportavam sentirem-se mais confortáveis na partilha. Verificou-se ainda a existência de um maior sentimento de valorização e respeito nos homens, quando esse mesmo sentimento também era reportado pelas mulheres. Estes resultados apontam para uma conclusão relevante: a dimensão da inclusão cultural que diz respeito à partilha é a que mais se relaciona com todas as outras dimensões, tanto em homens como em mulheres, a nível individual e a nível diádico. O sentir-se confortável em fazer esta partilha, por parte de um dos cônjuges, está positivamente relacionado com a clareza que o próprio tem em relação à sua cultura, com a partilha por parte do outro do membro do casal e com um sentimento de valorização e respeito por parte do outro.

No que diz respeito às associações entre as dimensões do Índice de Inclusão Cultural e a qualidade relacional, verificou-se que, nos homens, as quatro dimensões estavam ligadas a níveis mais elevados de qualidade relacional percebida; isto significa que, quer a partilha da identidade cultural, quer a valorização por parte da parceira, quer a clareza na identidade cultural e a existência de sentimentos positivos em relação à própria cultura, estavam ligados a uma perceção mais positiva, por parte do homem, relativamente à qualidade da sua relação conjugal. Para as mulheres, a qualidade da relação estava ligada a dois aspetos diferentes da inclusão cultural: a partilha da identidade cultural e a valorização e respeito por parte do parceiro relativamente a esta identidade. Isto significa que as mulheres reportaram níveis mais elevados de qualidade relacional quando se sentiam mais confortáveis em partilhar a sua cultura com o parceiro e quando sentiam que este valorizava os aspetos ligados à sua cultura. Ainda relativamente à qualidade da relação, verificou-se que sentimentos positivos nos homens em relação à sua cultura e um sentimento de valorização por parte das parceiras em relação à cultura do mesmo estavam também ligados a uma maior qualidade relacional percebida nas mulheres. Por fim, os homens reportaram níveis mais elevados de qualidade na relação quando as mulheres reportaram sentir-se mais confortáveis na partilha da sua cultura

com os parceiros. Tanto a dimensão da partilha como a dimensão da valorização por parte do parceiro aparecem, em ambos os sexos, ligadas a níveis mais elevados de qualidade relacional percebida. Em relação à partilha, sendo que esta é a dimensão da inclusão cultural que está mais ligada à comunicação, também aqui se podem tirar conclusões importantes a partir dos resultados: na literatura sobre casais interculturais, a comunicação é um tema-chave; muitos autores se debruçaram sobre esta questão no estudo destes casais, sob várias perspetivas diferentes. Alguns estudos referem-se à questão da comunicação em casais interculturais como um ponto forte e promotor de satisfação relacional (Renalds, 2011; Romano, 2001; Tili & Barker, 2015). Lee, Balkin e Fernandez, (2017), concluem que casais interculturais são mais abertos na comunicação e apresentam níveis mais elevados de aculturação. Romano (2001) identificou a comunicação – o sentir-se ouvido e compreendido e o sentir que se consegue compreender o outro – como um fator de promoção do sucesso nos casamentos biculturais. Relativamente à dimensão da valorização, a literatura também indica que casais interculturais em cujos cônjuges se sentem respeitados em relação às questões ligadas a sua cultura, reportam níveis mais elevados de satisfação com a relação (McFadden & Moore, 2001; Romano, 2001; Soncini, 1997). Casais interculturais entrevistados por Romano (2001), com níveis mais elevados de qualidade relacional, referem como pontos-chave a sensibilidade do cônjuge às suas necessidades e valores culturais e o interesse mútuo pelos aspetos culturais de um e outro. Contreras, Hendrick e Hendrick (1996), bem como Van Mol e De Valk (2015), referem-se à aculturação como um fator importante a considerar no estudo da satisfação conjugal em casais interculturais.

Por fim, verificou-se que os homens reportaram maiores níveis de satisfação com a relação quando as mulheres reportaram também níveis mais elevados de qualidade relacional. Este resultado pode indicar que, dentro do mesmo casal, ambos os membros sentem níveis semelhantes de qualidade relacional.

4.3. Regressões

A nível individual, os resultados sugerem que as quatro dimensões da inclusão cultural são preditoras da qualidade relacional percebida, tanto em homens como em mulheres. Nos homens, cada uma das dimensões, individualmente (*partilha*, *valorização*, *clareza* e *afeto positivo*), não parece ser preditora da qualidade relacional; no entanto, estas quatro dimensões em conjunto são significativas na predição da qualidade da relação. Para as mulheres, os resultados indicam também que as dimensões da inclusão cultural são significativas na

predição da qualidade relacional. Os dois fatores que melhor predizem a qualidade da relação para as mulheres são a partilha da identidade cultural e a valorização por parte do parceiro. Isto significa que, mulheres que reportem sentir-se mais confortáveis na partilha com o parceiro da sua identidade cultural e um sentimento de valorização e respeito por parte do mesmo, irão reportar níveis mais elevados de qualidade relacional. Estes resultados são consistentes com os resultados obtidos na análise de correlações: as mulheres reportaram níveis mais elevados de qualidade na relação quando se sentiam mais confortáveis em partilhar a sua cultura com o parceiro e quando sentiam que este valorizava e respeitava os aspetos ligados à sua cultura. Assim, para as mulheres, a qualidade relacional parece estar ligada a dois aspetos diferentes da inclusão cultural – a partilha da identidade cultural e a valorização por parte do parceiro, que são aspetos já referidos na literatura sobre satisfação conjugal em casais interculturais (Lee, Balkin, & Fernandez, 2017; McFadden & Moore, 2001; Renalds, 2011; Romano, 2001; Tili & Barker, 2015).

A nível diádico, os resultados mostram não ser possível prever a qualidade relacional de um cônjuge através da inclusão cultural do outro. O modelo diádico que se criou através de regressões não foi significativo na predição de qualidade relacional, tanto para homens como mulheres, utilizando como preditores as dimensões da inclusão cultural do parceiro. Desta forma, não se pode concluir que níveis mais elevados nas dimensões da inclusão da cultural de um dos cônjuges levem a níveis mais elevados de qualidade relacional percebida no outro cônjuge.

4.4. Forças, Limitações e Implicações

O presente estudo foi pioneiro na análise das variáveis inclusão cultural e qualidade relacional em casais interculturais residentes em Portugal. Apesar de, já no âmbito do projeto ‘*World Couples: Adaptação Individual, Conjugal e Familiar em Casais Mono e Interculturais*’, ter sido desenvolvido um estudo que relacionou estas duas variáveis (Lopes, 2019), ainda não se tinha recorrido a análises de regressões para estudar o papel preditivo da inclusão cultural na qualidade das relações destes casais.

Este estudo comporta também algumas limitações. A primeira prende-se com o rigor do preenchimento dos instrumentos por parte dos casais: não houve forma de controlar se os casais seguiram as instruções dadas pelos investigadores e mencionadas no consentimento informado, nomeadamente relativamente à questão de responderem aos questionários separadamente. Outra das limitações tem a ver com o tempo de residência em Portugal por

parte do membro estrangeiro do casal. A amostra é muito heterogénea neste ponto; há participantes que vivem em Portugal há décadas, outros há poucos anos e outros ainda há menos de um ano. Esta é uma questão particularmente importante porque pode influenciar o nível de inclusão cultural destes participantes. Por fim, é necessário referir que o número de participantes foi baixo, constituindo uma amostra que foi insuficiente para realizar algumas das análises de dados de forma totalmente rigorosa. No que diz respeito à análise de regressões, não foi possível testar o modelo diádico completo por falta de participantes, pelo que teve de ser optar por testar este modelo em quatro regressões separadas. Desta forma, os resultados desta análise devem ser interpretados com cautela.

Em termos de implicações para a prática clínica, apesar das suas limitações, este estudo evidenciou diferenças de género em relação à dimensão da partilha da identidade cultural, indicando que as mulheres estrangeiras não se sentem tão confortáveis na partilha da sua identidade cultural com os parceiros, pelo que este é um fator a ter em conta e a tentar trabalhar na prática clínica com casais interculturais. Uma pista para este trabalho prende-se com outro resultado observado neste estudo: o de que quando um dos cônjuges se sente mais à vontade na partilha da sua cultura, o outro também se sente mais confortável nesta partilha. É também de referir que é essencial a promoção da partilha e da comunicação saudável nestes casais, pois esta parece ser uma dimensão central da inclusão cultural, bem como promotora de qualidade na relação (Renalds, 2011; Romano, 2001; Tili & Barker, 2015). Por fim, é também de notar que a dimensão da valorização por parte do parceiro também aparece ligada à qualidade da relação e que este é um fator que a literatura já colocou em destaque como promotor de satisfação conjugal (Romano, 2001; Soncini, 1997).

4.5. Conclusão

Este estudo demonstrou uma predominância das semelhanças, no que diz respeito à maioria das dimensões da inclusão cultural e à qualidade relacional do membro masculino e feminino destes casais. Para além disso, também não se observaram diferenças na inclusão cultural e na qualidade da relação quando se compararam os cônjuges estrangeiros e os cônjuges nacionais dos casais, com exceção da dimensão da partilha da identidade cultural apenas para as mulheres. Verificaram-se associações significativas individuais e diádicas entre as várias dimensões da inclusão cultural, entre a inclusão cultural e qualidade relacional, bem como associações diádicas na qualidade relacional destes casais. O estudo corroborou a hipótese de que níveis mais elevados nas dimensões da inclusão cultural estariam

correlacionados com níveis mais elevados de qualidade relacional percebida em casais interculturais, tanto a nível individual como diádico. Verificou-se, também, o valor preditivo da inclusão cultural na qualidade relacional, mas apenas de forma individual. Assim, serão necessários estudos suplementares futuros, de modo a analisar este papel preditivo a nível diádico da inclusão cultural na qualidade da relação de casais interculturais.

De forma geral, os resultados foram ao encontro do esperado e demonstraram que as duas variáveis em estudo estão associadas, tanto a nível individual como a nível diádico.

5. Referências bibliográficas

- Amato, P. R., Booth, A., Johnson, D. R., & Rogers, S. J. (2007). *Alone together: How marriage in America is changing*. Harvard University Press.
- Berry, J. W., & Padilla, A. M. (1980). Acculturation: Theory, models and some new findings. *Acculturation as varieties of adaption*, 9, 25.
- Berry, J. W. (2008). Globalisation and acculturation. *International journal of intercultural relations*, 32(4), 328–336.
- Berry, J. W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative studies of acculturative stress. *International migration review*, 21(3), 491-511.
- Cohen, J. (1992). Quantitative Methods in Psychology: A Power Primer. *Psychological Bulletin*, 155-159.
- Contreras, R., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1996). Perspectives on marital love and satisfaction in Mexican American and Anglo-American couples. *Journal of Counseling & Development*, 74(4), 408-415.
- Crespo, C., Davide, I. N., Costa, M. E., & Fletcher, G. J. O. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15, 191–203. Retirado de <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2008.00193.x>
- Crippen, C., & Brew, L. (2013). Strategies of cultural adaption in intercultural parenting. *The Family Journal*, 21(3), 263–271. doi: 10.1177/1066480713476664
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16, 297–334. Retirado de <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02310555>
- Falicov, C. J. (1995). Cross-cultural marriages. In N. S. Jacobson & A. S. Gurman (Eds), *Clinical handbook of couples therapy* (pp. 241-252). New York: Guilford.
- Ferreira, A., & Ramos, M. (2011). Casamentos mistos em Portugal: evolução e padrões. *Sociologia on line*, 2, 61-99.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The measurement of Perceived Relationship Quality Components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 340–354. Retirado de <https://doi.org/10.1177/0146167200265007>
- Frame, M. W. (2004). The challenges of intercultural marriage: Strategies for pastoral care. *Pastoral Psychology*, 52(3), 219-232.
- Gaspar, S., Ramos, M., & Ferreira, A. C. (2013). Análise comparativa dos divórcios em casais nacionais e binacionais em Portugal: 2001-2010. *Sociologia*, 26, 81-111.

- Heller, P. E., & Wood, B. (2000). The influence of religious and ethnic differences on marital intimacy: Intermarriage versus intramarriage. *Journal of Marital and Family Therapy*, 26(2), 241-252.
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The relationship assessment scale. *Journal of social and personal relationships*, 15(1), 137-142.
- Instituto Nacional de Estatística (2019). Estatísticas Demográficas 2018.
- Karis, T. A., & Killian, K. D. (2009). *Intercultural couples: Exploring diversity in intimate relationships* (1ª ed.). New York: Routledge, Taylor & Francis Group, LLC.
- Killian, K. D. (2013). *Interracial couples, intimacy, and therapy: Crossing racial borders*. Columbia University Press.
- Kim, H., Edwards, A. B., Sweeney, K. A., & Wetchler, J. L. (2012). The effects of differentiation and attachment on satisfaction and acculturation in Asian-White American international couple relationships: Assessment with Chinese, South Korean, and Japanese partners in relationships with white American partners in the United States. *The American Journal of Family Therapy*, 40(4), 320-335. doi:10.1080/01926187.2011.616409
- Kim, Y. Y. (2001). *Becoming intercultural: An integrative theory of communication and cross-cultural adaptation*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lee, S., Balkin, R. S., & Fernandez, M. A. (2017). Asian intercultural marriage couples in the united states: A study in acculturation and personality traits. *The Family Journal*, 25(2), 164-169. doi: 10.1177/1066480717697951
- Lind, W. (2008). Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos [Monocultural and bicultural couples: Differences and resources] (Unpublished doctoral dissertation). *University of Lisbon, Portugal*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/977>
- Lopes, A. I. R. (2019). Casais interculturais: Estudo psicométrico da versão portuguesa do Índice de Inclusão Cultural (Unpublished Master's Thesis). *University of Lisbon, Portugal*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/41581>
- Markoff, R. (1977). Intercultural marriage: Problem areas. *Adjustment in intercultural marriage*, 51-61.
- McFadden, J., & Moore, J. L. (2001). Intercultural marriage and intimacy: Beyond the continental divide. *International Journal for the Advancement of Counseling*, 23(4), 261-268.
- McGoldrick, M., & Preto, N. G. (1984). Ethnic intermarriage: Implications for therapy. *Family Process*, 23(3), 347-364.
- McGoldrick, M., Preto, N. G., Hines, P. M. & Lee, E. (1991). Ethnicity and family therapy (pp. 546-582). In A. S. Gurman & D. P. Knistern (Eds), *Handbook of family therapy*. New York: Brunner/Menzel.

- Muller, R. D. (2004). Relationship dynamics in Latino-White intercultural marriages: A three group comparison (Unpublished doctoral dissertation). *Seton Hall University, EUA*. Disponível em: <https://scholarship.shu.edu/dissertations/1411>
- Nabeshima, E. N. (2006). *Intercultural marriage and early parenting: A qualitative study of American and Japanese couples in the United States*. The Wright Institute.
- Negy, C., & Snyder, D. K. (2000). Relationship satisfaction of mexican american and non-hispanic white american interethnic couples: Issues of acculturation and clinical intervention. *Journal of Marital and Family Therapy*, 26(3), 293–304.
- Puschmann, P., Van den Driessche, N., Matthijs K. & Van de Putte, B. (2016). Paths of Acculturation and Social Inclusion. Migration, marriage opportunities and assortative mating by geographic origin in Antwerp, 1846-1920. *Journal of Migration History*, 2(1), 177-207. doi: 10.1163/23519924-00201007
- Renalds, T. G. (2011). *Communication in intercultural marriages: Managing cultural differences and conflict for marital satisfaction*. Thesis presented to the Faculty of Liberty University School of Communication. Disponível em: <http://digitalcommons.liberty.edu/masters/204>
- Romano, D. (2001). *Intercultural marriage: Promises and pitfalls* (2nd ed.). Yarmouth, Maine USA: Intercultural Press.
- Rosenblatt, P. C. (2009). A systems theory analysis of intercultural couple relationships. In T. A. Karis & K. D. Killian (Eds), *Intercultural couples: Exploring diversity in intimate relationships* (pp. 24-41). New York: Routledge, Taylor & Francis Group, LLC.
- Seshadri, G., & Knudson-Martin, C. (2013). How couples manage interracial and intercultural differences: Implications for clinical practice. *Journal of Marital and Family Therapy*, 39(1), 43–58. doi: 10.1111/j.1752-0606.2011.00262.x
- Silva, L. C., Campbell, K., & Wright, D. W. (2012). Intercultural relationships: Entry, adjustment, and cultural negotiations. *Journal of Comparative Family Studies*, 43(6), 857– 870. doi: 10.2307/41756274
- Singh, R. (2017). Intimate strangers? Working with interfaith couples and families. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 38(1), 7-14. doi: 10.1002/anzf.1197
- Song, M. (2009). Is intermarriage a good indicator of integration?. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 35(2), 331-348. doi: 10.1080/13691830802586476
- Soncini, J. M. (1997). Intercultural couples: Cultural differences, styles of adjustment, and conflict resolution techniques, which contribute to marital harmony versus conflict (Doctoral dissertation). New York University, EUA.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriages and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28.
- Thompson, M. L. (1998). Traditional world view, interpersonal flexibility, and marital satisfaction among interethnic couples (Doctoral dissertation). Pepperdine University, EUA.

- Tili, T. R., & Barker, G. G. (2015). Communication in intercultural marriages: Managing cultural differences and conflicts. *Southern Communication Journal*, 80(3), 189-210. doi: 10.1080/1041794X.2015.1023826
- Ting-Toomey, S. (1994). Managing intercultural conflicts effectively. In L. Samovar & R. Porter (Eds), *Intercultural communication: A reader* (pp. 360-372). Belmont, CA: Wadsworth.
- Ting-Toomey, S. (1999). *Communicating across cultures*. New York, NY: Guilford Press.
- Tormenta, M. L. (2009). Casais biculturais: um estudo exploratório (Unpublished Master's Thesis). University of Lisbon, Portugal. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54934/2/29594.pdf>
- Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51(4), 407-415.
- Troy, A. B., Lewis-Smith, J. L., & Laurenceau, J. P. (2006). Interracial and intraracial romantic relationships: The search for differences in satisfaction, conflict, and attachment style. *Journal of Social and Personal Relationships*, 23(1), 65 – 80. doi: 10.1177/0265407506060178
- Tseng, W. S., McDermott, J. F., & Maretzki, T. W. (1977). *Adjustment in intercultural marriage*. University of Hawaii Press.
- Van Mol, C., & De Valk, H. A. (2015). Relationship satisfaction of European binational couples in the Netherlands. *International Journal of Intercultural Relations*, 50, 50–59. doi: 10.1016/j.ijintrel.2015.12.001
- Weller, L., & Rofé, Y. (1988). Marital happiness among mixed and homogeneous marriages in Israel. *Journal of Marriage and Family*, 50, 245-254.

ANEXOS

ANEXO A – Consentimento Informado

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

“WorldCouples”: Adaptação individual, conjugal e familiar em casais mono e interculturais

Casais Interculturais

Contexto: Desde sempre, pessoas de diferentes países e culturas construíram relações de casal. No século XXI, devido à crescente mobilidade geográfica, a multiculturalidade das relações está cada vez mais presente.

Objetivo Geral: Esta investigação pretende caracterizar e compreender as relações familiares e de casal e o bem-estar de indivíduos em casais interculturais, com um elemento de nacionalidade portuguesa, a viver em Portugal. Com este projeto pretende-se recolher informação que possa, futuramente, contribuir para uma melhoria da intervenção junto destes casais por parte dos profissionais de saúde e de instituições de apoio.

Instituição: Este é um projeto de investigação com sede na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. A responsabilidade do tratamento dos dados é da exclusiva responsabilidade dos investigadores envolvidos.

Quem pode participar? Pessoas numa relação há pelo menos um ano que estejam casadas ou a viverem juntas. Os casais participantes deverão ser interculturais, ou seja, constituídos por uma pessoa portuguesa + uma pessoa estrangeira. A pessoa portuguesa deverá ter crescido em Portugal (ter vivido a maior parte do tempo em Portugal até aos 18 anos) e a pessoa estrangeira deverá ter vivido a maior parte do tempo até aos 18 anos num outro país. Os questionários estão disponíveis em Português e em Inglês. Os elementos do casal deverão ser fluentes em pelo menos uma destas línguas. Se é fluente e ambas, por favor escolha a sua língua mãe.

Papel dos Participantes: A sua colaboração neste projeto consiste no preenchimento de questionários de resposta individual (aproximadamente 10-20m). Do mesmo modo, também será solicitado ao(à) seu(sua) cónjuge/companheiro/a que responda, de forma independente, a um conjunto de questionários iguais aos seus. **É da máxima importância que respondam individualmente ao questionário.** Todos os questionários e fichas de dados serão identificados por um código e os dados serão tratados apenas coletivamente, de forma a garantir, em todos os momentos, a confidencialidade dos mesmos. **Em qualquer momento e por qualquer motivo** (inclusive se sentir a sua privacidade invadida) **pode negar-se a responder a uma qualquer pergunta** (sem ter de se justificar) e/ou **pode desistir de colaborar neste projeto.**

Papel dos Investigadores: Os investigadores deste projeto comprometem-se a: garantir total confidencialidade sobre os dados que forem fornecidos pelos participantes; utilizar os dados fornecidos pelos participantes somente para fins de investigação (os resultados têm unicamente valor coletivo). Caso tenha alguma dúvida ou deseje saber mais informações sobre este projeto de investigação e sobre os seus resultados, no futuro, por favor contacte-nos para o endereço de email indicado em seguida: Coordenadora do projeto: Professora Doutora Carla Crespo (carlacrespo@psicologia.ulisboa.pt)

Consentimento Informado

Eu declaro ter consciência dos objetivos e procedimentos do presente projeto, bem como do meu papel enquanto participante neste estudo.

☐ Sim ☐ Não

____ / ____ / 20__

ANEXO B – Versão Portuguesa do Índice de Inclusão Cultural

Índice de Inclusão Cultural

(Lopes, Santos, & Crespo, 2019)

Os 26 itens seguintes descrevem pensamentos, sentimentos e experiências comuns de pessoas que estão numa relação. Leia cada afirmação e coloque um círculo à volta do número, à direita, que indica até que ponto concorda ou discorda com cada uma das afirmações:

	Discordo fortemente (0)	Discordo moderadamente (1)	Discordo ligeiramente (2)	Concordo ligeiramente (3)	Concordo moderadamente (4)	Concordo fortemente (5)
1. Sinto-me muito à vontade a falar com o meu companheiro/a sobre a família e a cultura de onde venho.	0	1	2	3	4	5
2. Na nossa relação, consigo falar de forma franca e aberta sobre as tradições, costumes e valores da minha família.	0	1	2	3	4	5
3. Há partes da minha origem cultural e étnica que não posso expressar na minha relação	0	1	2	3	4	5
4. Em termos da minha origem racial, étnica e cultural, eu sei que posso partilhar 100% de quem eu sou com o meu companheiro/a.	0	1	2	3	4	5
5. Quando partilho coisas muito pessoais sobre a minha cultura ou origem étnica, eu nunca me arrependo depois.	0	1	2	3	4	5
6. Eu falo com o meu companheiro /a sobre a minha história e identidade cultural e étnica.	0	1	2	3	4	5
7. O meu companheiro/a valoriza as minhas crenças e costumes culturais ou étnicos	0	1	2	3	4	5
8. Por vezes, o meu companheiro/a não aprecia aspetos da minha cultural ou etnia.	0	1	2	3	4	5
9. Às vezes, acho que o meu companheiro/a vê a sua cultura, as suas tradições e as suas crenças como mais valiosas ou importantes do que as minhas.	0	1	2	3	4	5
10. O meu companheiro/a encoraja-me a incluir as minhas tradições familiares, culturais e/ou étnicas na nossa vida em comum.	0	1	2	3	4	5
11. Há pouco ou nenhum espaço nesta relação para continuar as tradições da minha família.	0	1	2	3	4	5
12. O meu companheiro/a aceita a introdução de tradições étnicas/ culturais na nossa vida em comum (por exemplo, comidas especiais, música, dança, celebração de festas e feriados, etc.)	0	1	2	3	4	5
13. As minhas tradições culturais e formas de ser têm sido alvo de conflito.	0	1	2	3	4	5
14. Eu tenho um sentido claro e bem definido da minha identidade cultural ou étnica.	0	1	2	3	4	5
15. As minhas raízes culturais ou étnicas são vagas ou desconhecidas para mim.	0	1	2	3	4	5
16. Sinto-me como alguém que está encurralado entre culturas.	0	1	2	3	4	5
17. Eu fico confuso quando tento pensar acerca da minha origem cultural ou étnica.	0	1	2	3	4	5
18. Não é claro para mim o papel que a etnia, a cultura e a minha história familiar têm em quem eu sou atualmente.	0	1	2	3	4	5
19. A minha origem cultural ou étnica faz claramente parte de quem eu sou hoje em dia.	0	1	2	3	4	5
20. Sinto que ando para trás e para a frente entre duas ou mais culturas.	0	1	2	3	4	5
21. Tenho muito orgulho na minha origem étnica/ cultural.	0	1	2	3	4	5
22. Sinto-me enriquecido e fortalecido por causa da minha origem cultural ou étnica.	0	1	2	3	4	5
23. Sinto-me desconfortável acerca de partes da minha história ou identidade cultural/étnica.	0	1	2	3	4	5
24. Sinto-me muito bem acerca da minha origem étnica ou cultural.	0	1	2	3	4	5
25. Tenho sentimentos contraditórios acerca da minha origem cultural ou étnica.	0	1	2	3	4	5
26. Tenho um forte sentido de pertença ao meu grupo (s) étnico ou cultural.	0	1	2	3	4	5

ANEXO C – Versão Portuguesa do Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida

PRQC

Este questionário é usado para avaliar a **qualidade da sua relação** (com o seu marido, companheiro, namorado, etc.), no momento presente.

Para responder utilize a escala abaixo indicada, escolhendo, de entre as sete opções possíveis, aquela que melhor se ajusta ao seu caso, **colocando uma cruz (X) no número escolhido**.

**Mesmo
nada**

①

②

③

④

⑤

⑥

⑦

Extremamente

1	Até que ponto está satisfeito com a sua relação?	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦
2	Até que ponto se empenha na sua relação?	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦
3	Até que ponto a sua relação é íntima?	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦
4	Até que ponto confia no seu companheiro?	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦
5	Até que ponto a sua relação é apaixonada?	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦
6	Até que ponto ama o seu companheiro?	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦

ANEXO D - Caracterização sociodemográfica da amostra de participantes

		N	Média	DP	Percentagem
Sexo	Homens	59			50%
	Mulheres	59			50%
Idade	Homens	59	43.24	11.23	
	Mulheres	59	41.00	11.70	
Situação conjugal	Casamento	66			55,9%
	Coabitação / união de facto	52			44,1%
Duração da relação		118	12.05	11.20	
Número de filhos		118	1.33	.91	
Viveram sempre em Portugal		90			76,3%
Membro estrangeiro	Homens	28			47,5%
	Mulheres	31			52,5%
Escolaridade	<u>Homens</u>	56			
	Sabe ler/ escrever	1			1,7%
	Ensino primário	3			5,1%
	Ensino básico	5			8,5%
	Ensino secundário	12			20,3%
	Licenciatura	15			25,4%
	Pós-Graduação	20			33,9%
	<u>Mulheres</u>	57			
	Ensino básico	4			6,8%
	Ensino secundário	12			20,3%
	Licenciatura	17			28,8%
	Pós-Graduação	24			40,7%
Situação profissional	<u>Homens</u>	56			
	Empregado	49			83,1%
	Desempregado	1			1,7%

Religião	Outra	6	10,2%
	<u>Mulheres</u>	57	
	Empregada	45	76,3%
	Desempregada	5	8,5%
	Outra	7	11,9%
	<u>Homens</u>	55	
	Crente	32	54,2%
	Não crente	23	39%
	<u>Mulheres</u>	57	
	Crente	28	47,5%
	Não crente	29	49,5%